

ria humildemente, como cabe a uma nação de descendentes de imigrantes. O espírito de Abraham Lincoln leva-o a indagar, nas palavras de um do seus poemas favoritos, “Por que deve o espírito do homem ser orgulhoso?”. O puritanismo que lhes foi legado leva-os, com profundo senso de culpa, a implorar piedade para com as “jactâncias fanáticas e a palavra tola”, no dizer de Rudyard Kipling, insistindo ao mesmo tempo, segundo as palavras de um hino metodista popular, em que “temos uma história para contar às nações... uma história de paz e luz”. Num sentido mais profundamente existencialista, o espírito nacional fala nas palavras da Cantata de Sidney Lanier, da qual dois versos servem de epígrafe a êste livro:

“Apesar da terra, apesar do mar / eu ful, eu sou e eu serei”.

**MARIA LÚCIA DE SOUZA RANGEL**

\*

\* \*

PEREIRA (Luiz). — **Trabalho e Desenvolvimento no Brasil**. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 302 págs.

Editado recentemente, o livro do prof. Luiz Pereira é um ponto de referência para a compreensão do Brasil presente, com tôdas as suas transformações estruturais devidas à “realização singular de determinações genéricas da formação econômico-social capitalista em nossa sociedade” (pág. 8). Chega êle, a partir daí, às “conexões do processo de qualificação do trabalho com essas modificações estruturais” (pág. 9). Qualificação do trabalho aqui entendida como processo de constituição do trabalhador dentro dos moldes das relações de produção, sendo a qualificação técnica do trabalho “parte” dêsse processo.

O Autor não isola o Brasil do mundo capitalista. Ao contrário, encara-o como uma totalidade concreta parcial, como “subsistema de um sistema inclusivo” (pág. 12). Visa a qualificação do trabalho na sociedade brasileira contemporânea, com referência à eunomia do sistema, e resalta a importância de se levar em conta as transformações do sistema capitalista internacional, “o que se fará pela retenção da mediação consistente nas alterações estruturais da sociedade brasileira” (pág. 14). Cada subsistema é um centro de decisão, com seu mecanismo particular para a superação ou suavização de seus focos disnômicos que continuamente se processam em seu interior. O desenvolvimento do sistema capitalista internacional é mediado pelos mecanismos dêsse vários “centros de decisão”. Daí pode o Autor chegar à noção de subdesenvolvimento como um “estado disnômico inerente ao moderno sistema capitalista internacional” que, como tal, “consiste num problema social para êste, tanto quanto para os subsistemas periféricos” (pág. 15). Sua superação é devida a pressões que atuam tanto no campo internacional como no nacional, e significa a sobrevivência do próprio sistema capitalista. Assim,

“o grau de eunomia-disnomia da formação econômico-social capitalista é o grau de suavização-agudização de suas contradições” (pág. 16).

Temos, pois, uma interconexão estreita entre os subsistemas periféricos e os dominantes; os primeiros reagem ao seu estado disnômico, o que faz com que os segundos se voltem também para esse problema, encarando-o como um problema social do sistema capitalista internacional. Nesse ângulo “... o teste histórico do moderno capitalismo reside na possibilidade ou impossibilidade da industrialização generalizada e contínua no interior do sistema capitalista internacional — ainda que diferenciada pelo ritmo de sua realização...” (pág. 18).

É nesse quadro que Luiz Pereira coloca a problemática do processo de industrialização no Brasil, que se faz refletir em mudanças estruturais e na qualificação do trabalho. A deficiência desta última é apontada como um obstáculo ao desenvolvimento dos subsistemas periféricos. “Mais que um tema, a deficiência da qualificação do trabalho nos subsistemas periféricos é, então, um problema” (pág. 18).

Depois de pintar o quadro econômico-social no qual o Brasil se insere, o Autor, como veremos, faz de sua obra um caminho que vai se estreitando cada vez mais até atingir seu objetivo direto: analisa o trabalho numa sociedade capitalista. Trata dos fatores alienação e reificação capitalistas; trata da divisão do trabalho assalariado; estuda o problema de desequilíbrio entre “necessidades de consumo e a produção total de bens e serviços” (pág. 37), que gera os estados disnômicos, tanto por haver excedente de produção em relação ao poder de compra efetivo, como no caso dêste exceder aquêle. “Tomando o sistema capitalista em geral, ambos os casos manifestam a contradição fundamental entre o caráter social do trabalho (ou da produção) e a apropriação privada dos produtos do trabalho” (pág. 37). Centrando seu objetivo no trabalhador, procura estudar o processo de constituição dêste como sendo econômico, cultural, político, isto é, “como realização mediatizada, na praxis individual, da pluri-dimensionalidade da praxis social” (pág. 53), e é aí que insere a educação como processo socializador.

Focalizando mais a fundo o problema do subdesenvolvimento, o Autor vê como sua determinação essencial a “consciência negadora das múltiplas manifestações materiais e não-materiais da pobreza ‘periférica’ e da organização social a que é inerente” (pág. 59).

Esse estado de insatisfação em relação ao presente gera a consciência negadora dêste presente, ao mesmo tempo que uma “consciência afirmadora de um possível”. Essas duas consciências vão refletir num “processo de socialização antecipado dos agentes” (pág. 60), que por sua vez, vai gerar o estado disnômico que leva a uma tensão social. E é essa tensão social que caracteriza o subdesenvolvimento “como um momento em contínua reatualização (...) de um movimento social face a outros” ... “capitalistas ou socialistas” (pág. 62). Dai “... considerando-se o ‘mundo subdesenvolvido’ em conjunto, a

reintegração do sistema capitalista internacional, e com ela a persistência prolongada do próprio capitalismo, embora em marcha, ainda se apresenta como **um dos possíveis históricos presentes**" (pág. 67).

Analisado os problemas do trabalho dentro do sistema capitalista, bem como o subdesenvolvimento, o Autor enfoca o problema da urbanização e industrialização no Brasil. Numa linha expositiva contínua, é tratado o processo histórico brasileiro ao nível econômico-social: evidencia-se então que esse processo "... se determina, desde o início, como gradativa constituição de uma formação econômico-social capitalista periférica" (pág. 80). Preocupando-se mais com o período que vai do início do século até nossos dias, o Autor se detém na análise das Revoluções de 30 e 64. Se a Revolução de 30 intensificou o processo de formação de um capitalismo autônomo, a de 64 é um dos momentos do movimento de rearticulação do sistema capitalista internacional.

Atinge-se, a partir daí, as dimensões mais profundas da urbanização, ou seja, a orientação que leva a um fortalecimento do estilo de vida urbano, que atribui à cidade e ao seu modo de vida uma atitude positiva, tanto para os que lá moram, como para os não-cidadinos. Mas o urbanismo traz consigo um padrão de necessidades materiais e não-materiais diverso, em conteúdo e quantidade, do padrão do estilo de vida pré-urbano. Como consequência, o processo de urbanização da sociedade brasileira consiste num processo de semi-assimilação de contingentes populacionais não-urbanos, e sua expansão numa ressocialização parcial dos adultos e numa socialização antecipada dos imaturos. O aumento demográfico daí decorrente vai implicar tanto num **quantum** como numa diferenciação maiores de consumo, o que pressiona o sistema nacional de produção de bens e serviços. Essa pressão será aliviada por uma superior reintegração do sistema de produção capitalista a fim de atender à nova estrutura de necessidades (mercado de trabalho e renda-salário). Haverá uma "reatualização da alienação capitalista dos agentes de trabalho, que os leva a negarem o status quo sem negarem" ... "as determinações essenciais do capitalismo como forma de vida" (pág. 115).

Na etapa atual da formação capitalista no Brasil, encontramos um relativo "sufocamento" do sistema de produção e uma "vitalização" das necessidades de consumo, sendo que esta apresenta uma homogeneidade maior que aquela, o que leva a termos "setores sócio-geográficos capitalistas dinamizados" e outros "sufocados" (pág. 119). Com a persistência do "sufocamento" de vários setores sócio-geográficos, há a transferência de pressão da nova estrutura de necessidades para outras regiões, principalmente para as cidades maiores, provocando uma acumulação de tensão social. E é esse jogo entre "vitalização" das necessidades e "sufocamento" da produção que caracteriza o estado disnômico do sistema de produção-distribuição-consumo, na fase atual da formação econômico-social capitalista brasileira.

Por outro lado, a urbanização, exigindo uma "reatualização superior" do "elemento moral e histórico" da força de trabalho como

mercadoria, leva a uma “reatualização superior” da alienação capitalista do trabalhador, sob a forma de afirmação, por parte dêle, de um maior valor para sua força de trabalho. Ai se faz sentir a contribuição da ressocialização que faz com que se constituam, no operário, características de uma outra subpersonalidade-status, isto é, a constituição de correspondentes a essa etapa urbano-industrial.

Na penúltima parte de sua obra, o Autor analisa a situação operária no atual processo histórico brasileiro, que se caracteriza “como fase de reafirmação” ... “das determinações essenciais ‘objetivas’ e ‘subjetivas’ do trabalho na formação econômico-social capitalista em geral” (pág. 134). Análise esta que é feita tanto na perspectiva de o operário ser ator ou autor de História (uma vez que nega o seu *statu quo* e almeja condições de vida superiores, sem contudo negar o sistema), como em suas relações com o desenvolvimento econômico, tomado como processo histórico.

É através de histórias de vida que o Autor atinge o comportamento do operário em relação ao seu nível de vida, às suas aspirações, ao patrão. Chega, então, à conclusão de que tanto objetiva como subjetivamente, o “baixo” operariado determina-se como meio para alcançar a participação no setor “superior” do operariado, que por sua vez se determina como meio para alcançar a situação de classe dos pequenos proprietários ou trabalhadores-proprietários urbanos. “Assim, o processo de constituição do operariado é um processo contínuo de reconstituição, pois que objetiva e subjetivamente o operário se determina como ser em transição” (pág. 192). E como tal, “o operário se determina como sucessão de realizações (efetivadas ou apenas aspiradas) gradativamente “superiores” de ser mercadoria, no operariado e na categoria dos trabalhadores não-manuais assalariados; e, quando vem a participar da categoria de pequenos proprietários urbanos, ou almeja dela participar, continua a aceitar, para os outros, o ser mercadoria” (pág. 202). Assim, o comportamento do operariado brasileiro, bem como sua situação, “é a vivência de uma situação de classe proletária” ... “fundada na validação, pelos seus participantes, de uma sociedade de classes” (pág. 205). E é o processo de qualificação técnica do trabalho uma das determinações do processo de expansão e consolidação dessa sociedade de classes.

Na última parte de seu livro o Autor, entendendo qualificação do trabalho como “um processo de constituição do trabalhador ajustado à formação econômico-social capitalista” (pág. 207), complementará o estudo da constituição desse trabalhador (feito anteriormente incluindo o empresário e o Estado) acrescentando a figura histórica do educador. Analisa o problema da mobilidade intra-operariado (através da qual se procura o ajustamento-desajustamento à classe) como um mecanismo de processamento da qualificação técnica do trabalho que leva a uma constituição de subpersonalidade-status de operário. E, nêsse caso, “qualquer modalidade da subpersonalidade-status de operário implica e exprime a personalidade básica

capitalista e a particular concreção desta na personalidade-status proletária” (pág. 209).

Aqui o problema do operário e da qualificação técnica da mão-de-obra é focalizado em termos das relações do operário com a indústria, de sua socialização ou ressocialização para as atividades do próprio trabalho que exerce. O atributo ideal de sua força de trabalho realiza-se tanto pela “forma escolarizada” (curso primário e técnico — Senai, Senac, etc.), como pela “não escolarizada”, diferencialmente encaradas segundo os níveis de qualificação.

A categoria qualificação técnica do trabalho é, complementarmente, analisada em relação ao Estado, que atualmente “se determina como agente histórico dotado de certa autonomia” ... “orientado que sempre está para a eunomia da formação econômico-social capitalista em seu desenvolvimento urbano-industrial” (pág. 268). Ele aparece como receptor das necessidades (presentes e futuras) do mercado de trabalho, para então atuar no sentido de haver uma correspondência entre escolarização e essas necessidades da industrialização.

É ressaltada ainda a atuação dos educadores como agentes de pressão sobre o Estado, contribuindo assim para a consolidação do ideal educacional, “uma força promotora da eunomia da formação econômico-social capitalista em seu desenvolvimento urbano-industrial” (pág. 288). Mas a educação aqui seria a “economia, da educação”, isto é, “não se cuida de homens, mas de força de trabalho”, “de elaboração de um fator de produção necessário”, “de manipulações dos projetos de vida individuais no sentido do progressismo-não negador do capitalismo”. E é essa “uma das áreas de ‘investimento no fator humano’, de que participam o Estado e empresários, para tanto se utilizando, com grau variável de intencionalidade e racionalidade, das técnicas sociais enfeixadas no processo educacional” (pág. 299).

O Autor teve a preocupação de não separar uma parte teórica do livro para chegar à sua parte prática. As únicas considerações teóricas existentes se situam na Introdução. No restante da obra temos a focalização da problemática do Autor, primeiramente inserindo o tema que se propôs num campo maior, isto é, na sociedade capitalista; restringindo gradativamente sua área de análise, nos capítulos seguintes passa para o problema do desenvolvimento e subdesenvolvimento (nunca, porém, perdendo de vista o Brasil); mais especificamente ainda, da urbanização e industrialização, chegando à situação do operariado, com só então analisar o problema da qualificação técnica do trabalho no Brasil, objetivo último de seu estudo.

Inspirado certamente em Marx (“Os homens fazem sua própria história, mas nunca a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”), o Autor analisa a situação do operário enquanto autor e ator de História, centrando suas atenções em sua personalidade, nos requisitos psico-sociais necessá-

rios a êle para a aceitação da sociedade capitalista, e do status que ne-la ocupa. Está aí um dos principais valores de sua obra, uma de suas principais contribuições, pois Luiz Pereira se preocupa em não isolar o homem, enquanto fôrça de produção, de suas relações de produção, e com isso abrange o problema em tôda sua amplitude e complexidade.

É de se destacar ainda a eficácia do Autor no uso de estatísticas e histórias de vida que documentam sua análise e interpretação, bem como sua impressionante precisão quanto ao uso do jargão sociológico.

### AMÉLIA SANTOS MOTA FILHA

\*  
\* \* \*

ALLEN (Robert S.). — **Arremetida para a vitória.** Tradução do Tenente-Coronel Celso dos Santos Meyer. Rio, Biblioteca do Exército, 1965. 310 págs.

“Na guerra faz-se necessário mais do que o simples desejo de lutar para se obter a vitória. É preciso ter algo mais do que a simples disposição de aniquilar o inimigo; é preciso que se tenha também cabeça. Para vencer guerras é necessário cabeça e disposição. Um homem com disposição, mas sem cabeça, é apenas meio soldado. Derrotamos os alemães na África e na Sicília porque possuímos ambas as coisas e vamos derrotá-los na Europa pela mesma razão. Isto é tudo. Boa sorte”. Este trecho final da proclamação do General Patton ao estado-maior do III Exército, antes da invasão da Normandia, diz melhor do que qualquer outra coisa dêsse cabo de guerra excepcional a quem o presidente dos Estados-Unidos e o comandante do Teatro de Operações confiaram as tarefas mais importantes na frente ocidental depois daquele tão esperado dia D do ano de 1944.

O livro há pouco divulgado pela Biblioteca do Exército representa uma simbiose biográfica entre a obra, a ação e o comando do grande chefe militar em sua “arremetida para a vitória” nos campos de batalha da velha Europa. O autor, coronel do exército norte-americano e comandado de Patton, acompanha a evolução do III Exército desde os treinamentos básicos num forte do Texas até sua entrada triunfal na Alemanha. O nome-código escolhido por Patton para o seu exército é bem revelador do espírito irrequieto de seu chefe: **Lucky**, isto é “sorte”, pois dela dependeu várias vezes o destino de muitos dos homens do III Exército. Ficou-nos do grande militar a idéia do chefe mais exigente e talvez mesmo mais duro de tôda a segunda guerra. Mas debaixo dessa dureza, escondia-se um homem hábil, corajoso, leal e, por isso mesmo, querido, admirado e respeitado por todos os seus comandados.

Aliás, o rigor de sua atuação é elemento importante para a compreensão do caráter íntimo de Patton, pouco conhecido e ainda menos compreendido, faz questão de lembrar o autor, salientando que